

ANÁLISE DA FACILIDADE DE LEITURA DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DAS EMPRESAS BRASILEIRAS: UMA INVESTIGAÇÃO DO GERENCIAMENTO DE IMPRESSÕES NAS NARRATIVAS CONTÁBEIS

Rafael Koifman Carneiro da Cunha
CENTRO UNIVERSITÁRIO EURO-AMERICANO

César Augusto Tibúrcio Silva
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

RESUMO

Diversos pesquisadores têm destacado o poder investigativo e preditivo das demonstrações através dos números apresentados. Todos esses estudos utilizam a porção numérica das demonstrações, com algum auxílio das informações textuais ou narrativas. Atualmente, as informações narrativas, ou seja, aquelas que não apresentam informações numéricas ou tentam explicá-las, vêm representando maior percentual no tamanho das demonstrações e são tão utilizadas, para a tomada de decisão, quanto a porção numérica. Diversos estudos têm sido realizados nesta área em uma grande variedade de países com empresas que possuem ações listadas em bolsa. Este estudo analisa as Notas Explicativas e Relatórios da Administração de empresas brasileiras, especificamente, aquelas listadas na BOVESPA. O objetivo é verificar a evidência de gerenciamento de impressões por meio da forma com a qual é escrita a narrativa contábil. É utilizada a fórmula de Flesch para a verificação do grau de facilidade de leitura, em termos de estilo da redação, dissociado da idéia de conteúdo ou coerência. Foram aplicados testes estatísticos para auferir as evidências e as narrativas, classificadas como difíceis de ler para a maioria dos casos das demonstrações. Os resultados encontrados sugerem que há fracas evidências de gerenciamentos de impressões nas narrativas estudadas, porém existe relação entre o porte da empresa, o crescimento contínuo e a melhora na facilidade de leitura de seus textos.

1 INTRODUÇÃO

O meio de comunicação mais freqüente com o qual a empresa se relaciona com seus usuários interessados no desempenho econômico e financeiro são as demonstrações contábeis. Diversos pesquisadores têm destacado o poder investigativo e preditivo das demonstrações, através dos números apresentados, e vêm comprovando, com testes empíricos e análises de índices, a sua utilidade. Utilizam-se os dados das demonstrações para os mais diversos fins, como previsão de falências, fluxo de dividendos, tributação entre outros. Todos esses estudos utilizam a porção numérica das demonstrações, com algum auxílio das informações textuais ou narrativas.

Atualmente, as informações narrativas, ou seja, aquelas que não apresentam somente informações numéricas ou tentam explicá-las, vêm representando maior percentual no tamanho das demonstrações, das quais se pode destacar as notas explicativas, o relatório de administração e o parecer de auditoria.

De acordo com pesquisa realizada nos Estados Unidos da América (EUA), há mais de uma década, por Rogers e Grant (1997), a parte narrativa das demonstrações contábeis já provia mais que o dobro de informações aos analistas de mercado do que a porção numérica. Ainda segundo os autores, apenas 26% da informação citada por analistas em seus relatórios

está na porção numérica das demonstrações financeiras e outros 40% estão nas partes narrativas da mesma demonstração. Isso pode demonstrar que alguns usuários vêm utilizando cada vez mais a narrativa contábil com a mesma ou maior intensidade do que usam os demais dados para a tomada de decisão.

Em grande parte das narrativas contábeis não é realizado qualquer tipo de auditoria; esse fato pode levar a administração da empresa ao uso do gerenciamento das impressões causadas por esses relatórios. Tal gerenciamento pode ser utilizado de várias maneiras, conforme Sydserff e Weetman (2002), dentro das demonstrações contábeis, associados a gráficos e ilustrações, bem como nas narrativas contábeis.

De acordo com Clatworthy e Jones (2006), a literatura vem demonstrando que o gerenciamento de impressões tem sido usado para gerenciamento de resultados, com o auxílio de gráficos, fotografias e narrativas contábeis desde então. Segundo os mesmos autores, o gerenciamento de impressões pode ser descrito como o processo pelo qual um indivíduo tenta controlar a impressão que outro indivíduo forma sobre ele. Corporativamente, essa visão pode estar relacionada com a tendência de indivíduos ou organizações de usarem a informação de forma seletiva para apresentar-se de forma favorável aos demais. Isso pode ser motivado pelo desejo dos gerentes de utilizar os relatórios financeiros como agenda e apresentar uma visão positiva de seu desempenho. Essa prática pode ser verificada em todas as empresas, porém, com mais frequência, naquelas com baixo desempenho econômico-financeiro. Segundo os mesmos autores, evidências demonstram uma relação de fraude com gerenciamento de impressões nos casos de colapso das empresas norte-americanas Enron e Worldcom em 2003; essa teoria evidencia que o gerenciamento de impressões pode ter conseqüências econômicas danosas aos investidores e a outros interessados.

Segundo Smith e Taffler (1992), a utilidade da narrativa contábil vai depender parcialmente da complexidade da sua apresentação (de sua facilidade de leitura) e também da capacidade dos usuários de compreenderem o sentido real da mensagem (de sua compreensibilidade). Se a intenção dos preparadores das demonstrações financeiras é de que elas possam ser entendidas com sucesso pelos seus usuários, estes têm que estar aptos a interpretá-las e compreendê-las.

Li (2006) cita regulamentação da *Securities and Exchange Commission* (SEC), órgão regulador do mercado de capitais dos EUA, adotada em 1998, que tem por objetivo simplificar o uso da linguagem nas demonstrações. O argumento utilizado por aquele órgão, para essa regulamentação, foi que as empresas poderiam utilizar linguagem e formatos vagos na evidenciação de suas demonstrações para esconder informações adversas, e que o investidor, em geral, poderia não entender documentos complexos, o que poderia resultar na ineficiência do mercado de capitais.

O objetivo deste trabalho é verificar evidência da existência de gerenciamento de impressões nas narrativas contábeis que constam das demonstrações contábeis anuais em relação ao desempenho das empresas de capital aberto no mercado brasileiro, mediante a utilização de textos mais ou menos complexos.

O objeto deste estudo são as narrativas constantes das demonstrações contábeis anuais de empresas brasileiras com ações negociadas na BOVESPA, referentes aos anos de 2003 a 2007. A escolha das demonstrações dessas empresas objetiva a verificação do gerenciamento de impressões com relação ao seu desempenho econômico-financeiro com ações negociadas no mercado brasileiro, contudo, os resultados desta pesquisa ficam limitados ao rol de empresas escolhido.

Esta pesquisa está dividida em cinco tópicos, iniciando nessa introdução. Em seguida é apresentado o referencial teórico para a realização do estudo sobre os temas de facilidade de leitura dos textos, relatórios contábeis obrigatórios, evidenciação contábil e gerenciamento de impressões. Depois é apresentada a metodologia utilizada, bem como a escolha da amostra e de técnicas estatísticas. Na sequência traz os resultados da aplicação da metodologia e os modelos. Por fim, resume o trabalho, trazendo as considerações finais sobre os resultados alcançados e sugestões para pesquisa futuras.

2 LEGIBILIDADE E READABILITY

Em português, o termo “legibilidade” pode ser descrito como a qualidade que determina a facilidade de leitura de um texto, tanto em termos tipográficos, ou seja, o nível de qualidade dos tipos (impressos ou manuscritos), quanto da facilidade de leitura de certo indivíduo em função do estilo literário.

Na língua inglesa existem duas formas de entender a “legibilidade”. A primeira é o entendimento comum, também usado em português, nominado de “*legibility*”, que é entendido como a qualidade da escrita ou dos tipos que podem ser lidos mais ou menos facilmente. A segunda forma de entendimento pode ser descrita em termos de escala de dificuldade de leitura, ou seja, o que torna alguns textos mais difíceis de serem lidos em relação a outros, denominada de “*readability*”.

Devido à dificuldade de distinção entre as formas de entendimento do termo em português, este estudo usa o termo “*readability*” - conforme utilizado na língua inglesa - ou facilidade de leitura para determinar o seu objetivo.

Para este trabalho foi usada a definição de Klare (1963) em termos do estilo da literatura, dissociando da idéia de conteúdo, coerência e organização do texto, pois, não é objeto deste estudo o conteúdo, a coerência ou a organização do texto.

Para o mesmo autor (KLARE, 1963), os elaboradores de um texto interessados no julgamento dos seus leitores sobre a facilidade de leitura de determinado texto, e particularmente sua compreensão, devem preocupar-se com a forma e as medidas do texto. Os leitores tendem a preferir textos de acordo com seu nível de conhecimento e educação formal; logo, um leitor com nível superior não se interessa por textos de nível básico e vice-versa. Outro ponto deve ser discutido: se um leitor tem um grande conhecimento sobre determinado assunto, ele pode identificar algumas falhas em textos sobre este assunto, mesmo que esteja em seu nível de facilidade de leitura. Porém, se o assunto não é de domínio dele, preferirá um texto mais simples para facilitar sua leitura. Um leitor pode simplesmente parar de ler um determinado texto se este for inaceitável do ponto de vista da facilidade de leitura, pois seu esforço pode parecer injustificável.

O autor de um texto deve decidir qual o nível de sua audiência antes de escolher suas formas e medidas, as quais devem estar de acordo com o nível de aceitação, compreensão e clareza desejado para aqueles leitores.

3 GERENCIAMENTO DE IMPRESSÕES

Conforme Mendonça *et al* (1999), o gerenciamento de impressões se refere à maneira pela qual as pessoas tentam controlar as impressões que outros têm delas: seus comportamentos, motivações, moralidade e atributos. Essas impressões podem ser extrapoladas para grupos e organizações como um todo, porém, não existe um consenso

quanto à intencionalidade do gerenciamento delas. Para alguns autores, o ato deve ser deliberado, pois o processo de comunicação apenas se consuma quando é pretendido pelos autores.

Em estudo realizado por Mendonça e Andrade (2003), os autores concluem que, ao que parece, as organizações desejam obter a legitimidade organizacional e engajam-se no gerenciamento de impressões, buscando criar e enviar a seu público mensagens que retratam estruturas ou ações, reais ou fictícias, congruentes com as demandas do ambiente técnico-institucional.

Nesse ambiente, pode-se destacar uma das formas de comunicação das organizações que são as demonstrações contábeis; estas enviam a mensagem sobre a estrutura financeira da empresa naquele momento ou período e são utilizadas para análise e tomada de decisão. Deduz-se, então, que elas também sofrerão impacto do gerenciamento de impressões.

Para Beattie e Jones (2000), de acordo com a literatura prévia, o gerenciamento de impressões relacionado a demonstrações contábeis pode ser dividido em gerenciamento dos números e gerenciamento da apresentação. O gerenciamento dos números envolve, basicamente, a manipulação e evidenciação de números específicos. O gerenciamento da apresentação diz respeito à manipulação do conteúdo ou sintaxe das narrativas contábeis ou de formatos de apresentação, como fotografias, figuras e gráficos.

Stanton *et al* (2004) afirmam que o gerenciamento de impressões pode ser realizado de forma pró-ativa ou protecionista. Quando feito de forma pró-ativa, o gerenciamento de impressões tem a intenção de promover imagem da empresa. A proposta estratégica é de construir uma imagem da empresa que agrade aos *stakeholders*, bem como conseguir sua aprovação sobre o desempenho da empresa. De outro lado, quando feito de forma protecionista, o gerenciamento é usado para proteger a imagem da empresa, frente à ameaça de desempenho ruim. A estratégia pode ser mudar a forma da narrativa para dissimular as causas de desempenho ruim, apresentando a empresa sob uma ótica positiva futura.

4 EVIDENCIAÇÃO CONTÁBIL NAS NARRATIVAS CONTÁBEIS

Segundo Iudícibus (1997), a evidenciação constitui compromisso inalienável da Contabilidade com seus usuários e com seus próprios objetivos, e diz respeito à apresentação ordenada de informações quantitativas e qualitativas, propiciando uma base adequada de informações para o usuário.

A disseminação dessa informação é a base para um mercado de capitais eficiente, ou seja, um mercado no qual, na média, não há lucros econômicos acima do esperado para aquele nível de risco escolhido pelo investidor.

Dias Filho (2000) discute que há pelo menos três questões fundamentais ligadas à evidenciação: os destinatários da informação, o conteúdo adequado e as formas de evidenciá-la. Os métodos de evidenciação mais comuns são: forma e apresentação das demonstrações contábeis; notas explicativas; quadros e demonstrações suplementares; parecer de auditoria; e o relatório da administração.

O Relatório de Administração é uma demonstração obrigatória para as sociedades anônimas no Brasil, estabelecido pela Lei nº 6.404/76, que deve trazer informações sobre os negócios sociais e os principais fatos administrativos do exercício findo. Segundo Ponte e Oliveira (2004), o Relatório de Administração é o instrumento pelo qual os gestores da empresa comunicam-se com o público externo. Por sua natureza eminentemente analítica,

permite que a empresa utilize uma linguagem menos técnica, com o objetivo de atingir maior número de usuários.

Nos EUA, Schoereder *et al* (2005) explicam que a SEC requer que os administradores evidenciem tendências favoráveis ou desfavoráveis para identificar cenários, favoráveis ou desfavoráveis, que afetem a liquidez, a alocação de capital e o resultado das operações. Logo, isso ajuda os usuários a avaliarem o comportamento passado da empresa e o seu impacto no desempenho futuro.

A pesquisa realizada por Rogers e Grant (1997) concluiu que o Relatório da Administração é de extrema importância, em termos informacionais, na opinião de analistas de mercado. Barron *et al* (1999) concluíram em seu estudo que previsões efetuadas sobre Relatórios de Administração de melhor qualidade informacional, avaliados pela SEC, apresentavam menor erro e menor dispersão.

As Notas Explicativas também são obrigatórias para as sociedades anônimas no Brasil, estabelecido pela Lei nº 6.404/76. Elas têm como função indicar os principais critérios de avaliação dos elementos patrimoniais como: estoques, cálculos de depreciação e provisões entre outros. Além disso, também indica eventos subseqüentes e ajustes de exercícios anteriores.

Nos EUA, segundo o *Financial Accounting Standart Board* (FASB) na sua norma SFAC nº 5, as Notas Explicativas devem conter uma quantidade significativa de informação sobre os itens das demonstrações contábeis. Em geral, as Notas Explicativas evidenciam informações que clareiam e desenvolvem itens que aparecem nas demonstrações contábeis, que não podem ser incorporadas naquelas demonstrações numéricas, como: políticas contábeis, vencimento das operações, explicações sobre itens diversos, e informações gerais sobre a empresa.

5 METODOLOGIA

Esta pesquisa utiliza-se do método científico hipotético-dedutivo, no qual, para explicar a dificuldade expressa no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se conseqüências que deverão ser testadas, ou seja, deve-se procurar evidências para derrubá-las (GIL, 1999). Quanto ao tipo, pode-se caracterizar este estudo como uma pesquisa descritiva, expondo característica de determinado fenômeno, estabelecendo correlações entre variáveis e tentando definir sua natureza. Como meio de investigação, utilizou-se a pesquisa experimental e estatística, pois é uma análise empírica na qual o pesquisador manipula e controla variáveis independentes e observa variações produzidas em variáveis dependentes (VERGARA, 2005). A pesquisa também se fundamenta na aplicação da teoria estatística da probabilidade, mediante a utilização de testes estatísticos para determinar a probabilidade de acerto de determinada conclusão (GIL, 1999).

Nesta seção, são descritas as medidas para a análise da *readability* dos Relatórios da Administração e Notas Explicativas e sua relação com a variação do preço de mercado das ações. O primeiro foi escolhido devido à linguagem menos técnica utilizada em seu conteúdo, o que permite à gerência a narração de fatos ocorridos no período, com um grau variável de complexidade para o leitor usuário da demonstração. As Notas Explicativas tratam de explicações sobre as demonstrações, sua construção e detalhamento de contas, podendo ser considerada uma continuação da informação quantitativa.

A técnica utilizada neste trabalho é a análise da *readability* das narrativas contábeis através da fórmula de Flesch. Para a realização dos testes estatísticos, foi avaliado o grau de facilidade de leitura alcançado segundo um escore padrão.

A medida de desempenho das ações no mercado é obtida pela variação percentual entre os anos estudados. Foram utilizadas como variáveis de controle que podem fazer parte dos modelos, e caso demonstrem poder de explicação razoável, a variação do lucro líquido anual, a variação da receita líquida e variação do ativo entre os anos estudados, todos em valores de variação.

Após a preparação dos relatórios e aferição do escore de Flesch, são utilizadas técnicas de análise multivariada para testar as hipóteses do estudo.

A população, no caso estudado, são as demonstrações de companhias abertas brasileiras com ações negociadas na BOVESPA. A amostra representa uma parte do total dos dados, e, para a seleção da amostra, utilizou-se como parâmetro o índice IBrX – Índice Brasil que é um índice que mede o retorno de uma carteira teórica composta por 100 ações selecionadas entre as mais negociadas na BOVESPA, em termos de negócios e volume financeiro. As ações são classificadas por ordem crescente de liquidez, de acordo com seu índice de negociabilidade medidos nos últimos doze meses.

Neste estudo, foram selecionadas 450 observações, num total de 90 ações por ano, entre os anos de 2003 e 2007. As ações escolhidas constaram pelo menos 8 vezes da carteira teórica do IBrX – Índice Brasil nos 15 quadrimestres entre 2003 e 2007. Nas análises, algumas observações foram excluídas por falta de informações ou por descontinuidade da empresas, restando, portanto, um total de 364 observações.

Os dados sobre variação do preço das ações, variação do lucro, variação da receita e variação do ativo foram obtidos junto à base de dados da Economática.

As demonstrações contábeis das empresas selecionadas para a amostra estudada foram obtidas junto à Comissão de Valores Mobiliários (CVM) no sítio disponível na *internet*. Os Relatórios da Administração e Notas Explicativas foram segregados das Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP) e preparados para a análise de *readability*.

A preparação dos relatórios consiste em retirar do corpo da demonstração qualquer elemento que não componha texto narrativo como tabelas, gráficos, figuras, cabeçalhos, títulos e subtítulos. Também foram retirados saudações, apresentação de nome de membros de conselhos, diretorias, vice-presidências e presidências, locais e datas de divulgação. Essa prática pode ser verificada em Li (2006) e Courtis (1995), pois as fórmulas de facilidade de leitura não são formatadas para lidar com essas tipologias.

Não foi realizada nenhuma alteração, seja geral ou específica, no texto dos relatórios, mesmo que contivessem erros de digitação, palavras em língua estrangeira, erros de concordância ou gramaticais.

Da mesma forma que Fernandes e Silva (2007) e Hossain e Siddiquee (2007), após preparação, foi realizada a análise de *readability*, utilizando a ferramenta de revisão de gramática do *software* Microsoft Office Word 2003 - versão em português. A ferramenta apresenta a quantidade de caracteres, palavras, sentenças e parágrafos, bem como a análise de *readability* pela fórmula de Flesch, em classificação de nível de dificuldade de leitura e escore.

De acordo com Courtis (1995), a fórmula de Flesch tem sido a investigação mais popular em pesquisas sobre narrativas contábeis nas últimas décadas, facilitando a comparabilidade dos estudos e sua interpretação. É descrita da seguinte forma:

$$FLESCH = 206,385 - 0,846W - 1,015S$$

Onde, W significa o tamanho das palavras, medido pelo número de sílabas por cada 100 palavras, e S, o tamanho das sentenças, medido pelo total de palavras dividido pelo número de sentenças no texto. O cálculo representa uma dedução de uma base constante de palavras e sentenças; logo, quanto maior o resultado obtido, mais fácil será a facilidade de leitura do texto. O escore varia de 0 a 100 e tenta avaliar a dificuldade de leitura, o grau de instrução requerido pelo leitor e o estilo literário utilizado em publicações. Os resultados são verificados através do quadro 1 de escores que comparam a dificuldade do texto.

Escore de Legibilidade	Nível de Dificuldade	Grau de Instrução Requerido	Estilo de Publicação
0 - 30	Muito Difícil	Pós-Graduação	Científica
30 - 50	Difícil	Graduação	Acadêmica
50 - 60	Pouco Difícil	Nível Médio	Livros de Qualidade
60 - 70	Normal	Nível Fundamental	Crônicas
70 - 80	Pouco Fácil	Nível Fundamental	Ficção
80 - 90	Fácil	Nível Fundamental	Folhetim
90 - 100	Muito Fácil	Nível Fundamental	Histórias em Quadrinhos

Quadro 1 – Escores de FLESCH

Fonte: Adaptado de Flesch (1949 *apud* DUBAY, 2004).

No estudo em questão, é utilizada uma variável que pretende avaliar e separar os relatórios contábeis em categorias de *readability* com uma escala que varia de 0 a 100, categorizando entre os relatórios difíceis e fáceis de ler. Quando a variável dependente é categórica e as variáveis independentes são métricas ou categóricas, são utilizadas as técnicas de análise conhecidas como regressão logística e análise discriminante.

Para a análise do comportamento do grau de facilidade de leitura das demonstrações estudadas em relação à variação das variáveis estudadas, foi utilizada a técnica estatística de análise multivariada de regressão logística. Para a análise do comportamento do grau de facilidade de leitura das demonstrações estudadas em relação à persistência de variação das variáveis estudadas, será utilizada a técnica estatística de análise multivariada de análise discriminante.

6 RESULTADOS E ANÁLISE DE DADOS

Esta seção destina-se a apresentar os dados obtidos através das técnicas escolhidas e os resultados dos estudos realizados.

Inicialmente são apresentadas as estatísticas descritivas da amostra em relação ao grau de facilidade de leitura, separadas por anos. A seguir, são apresentados o modelo e resultados para a análise do comportamento do grau de facilidade de leitura das demonstrações estudadas em relação a variáveis de mercado. Em complemento, são apresentados o modelo e os resultados para a análise do comportamento do grau de facilidade de leitura das demonstrações estudadas, em relação à persistência de variação das variáveis estudadas.

As estatísticas descritivas são representadas pela média aritmética, desvio padrão, coeficiente de variação, valor máximo e mínimo, mediana e moda. Para cada demonstração, serão apresentados a estatística e o ano correspondente. Optou-se por apresentar a estatística descritiva da quantidade de palavras como auxiliar na interpretação do grau de facilidade de leitura.

O grau de facilidade de leitura é medido pelo tamanho das palavras e quantidade delas por sentença. Nas estatísticas apresentadas, pode-se verificar que mesmo com o aumento da

quantidade de palavras por Relatório de Administração no período, o escore de Flesch tem média praticamente inalterada. (Tabelas 1 e 2)

Tabela 1 – Estatísticas Descritivas do Escore de Flesch dos Relatórios de Administração

	2003	2004	2005	2006	2007	Total do Período
Observações (n)	90	89	87	83	81	430
Média	39,20	39,72	38,85	38,89	38,90	39,12
Mediana	40	40	40	39	39	40
Moda	42	37	35	40	40	40
Desvio padrão	6,30	5,58	6,95	6,26	5,90	6,20
Coefficiente de variação	16,07%	14,04%	17,89%	16,09%	15,17%	15,84%
Mínimo	24	27	21	24	26	21
Máximo	51	57	59	59	51	59

Fonte: Elaboração própria

Tabela 2 – Estatísticas Descritivas da Quantidade de Palavras nos Relatórios de Administração

	2003	2004	2005	2006	2007	Total do Período
Observações (n)	90	89	87	83	81	429
Média	5.766,52	7.035,26	6.913,16	7.369,14	7.322,72	6.850,03
Mediana	4.750	5.708	4.833	5.734	6.007	5.439
Desvio padrão	5.181,17	6.173,83	6.266,90	5.599,91	5.786,76	5.817,87
Coefficiente de variação	89,85%	87,76%	90,65%	75,99%	79,02%	84,93%
Mínimo	876	927	633	859	583	583
Máximo	32.054	36.477	31.224	25.760	26.486	36.477

Fonte: Elaboração própria

Observa-se que, para o escore de Flesch, apresenta média, moda e mediana muito próximas, o que indica uma distribuição simétrica e tendendo a normal. Na média, o escore de Flesch foi de 39,12 no período, com mediana e moda em 40, o que corrobora pesquisas anteriores que classificam os Relatórios de Administração como de difícil *readability*, conforme quadro 1, apresentado anteriormente. Porém, existem aqueles que alcançam melhor grau de facilidade de leitura, aproximando-se de níveis normais de *readability* (com escores próximos a 60), bem como existem aqueles que chegam ao nível de muito difícil (com escores abaixo de 30).

Quando se observa o coeficiente de variação, pode-se analisar que, em termos de quantidade de palavras, existe uma variação muito grande entre os Relatórios de Administração das empresas, variando de menos de 1.000 palavras até 36.000, em alguns casos. Entretanto, o coeficiente de variação do escore de Flesch é baixo, em média de 15,84%, o que dissocia o tamanho do relatório da sua *readability*.

Nas estatísticas das Notas Explicativas, verifica-se que o escore de Flesch das Notas Explicativas tem média menor que o dos Relatórios de Administração; tal evento é esperado devido à natureza mais técnica desse tipo de narrativa.

Tabela 3 – Estatísticas Descritivas do Escore de Flesch das Notas Explicativas

	2003	2004	2005	2006	2007	Total do Período
Observações (n)	90	89	87	83	79	428
Média	34,54	34,25	34,60	34,10	33,37	34,19
Mediana	36	34	35	34	33	34
Modo	36	37	38	36	32	37
Desvio padrão	3,96	4,02	4,16	4,07	4,14	4,07
Coefficiente de variação	11,46%	11,75%	12,03%	11,95%	12,41%	11,92%
Mínimo	25	22	23	25	25	22
Máximo	44	43	43	43	45	45

Fonte: Elaboração própria

Tabela 4 – Estatísticas Descritivas da Quantidade de Palavras nas Notas Explicativas

	2003	2004	2005	2006	2007	Total do Período
Observações (n)	90	89	87	83	79	428
Média	7.321,42	8.154,88	8.692,97	9.723,70	10.298,51	8.801,00
Mediana	6.386	6.688	7.590	8.761	9.466	7.679
Desvio padrão	4.509,69	5.118,46	5.156,75	5.076,55	5.079,44	5.082,58
Coefficiente de variação	61,60%	62,77%	59,32%	52,21%	49,32%	57,75%
Mínimo	1.420	1.533	31	2.163	2.011	31
Máximo	21.194	23.899	19.766	21.077	21.173	23.899

Fonte: Elaboração própria

Como apresentado pelos Relatórios de Administração, há um coeficiente de variação grande da quantidade de palavras que parece não afetar a variação dos escores de Flesch no período. Houve empresas que apresentaram Notas Explicativas muito curtas, em torno de apenas 31 palavras, enquanto outras apresentaram demonstrações extensas de até 24.000 palavras.

Também como nos Relatórios de Administração, observa-se que, para o escore de Flesch, apresenta média e mediana próximas, e moda não muito distante, o que indica uma distribuição quase simétrica. A média do grau de facilidade de leitura foi de 34,19 no período, com mediana 34 e moda 37, classificando, então, essas demonstrações com de difícil *readability*.

Verifica-se que os escores de Flesch dos Relatórios têm correlação fraca com a quantidade de palavras, porém, significativas, de 0,109 para Notas Explicativas e de -0,103 para Relatórios de Administração.

A maior correlação encontrada foi entre a quantidade de palavras dos dois relatórios, de 0,593, com significância de 99%. E não houve correlação entre os escores de Flesch dos Relatórios de Administração e Notas Explicativas.

Conforme descrito em seção anterior, para a análise do comportamento do grau de facilidade de leitura em relação às variáveis de mercado, foi utilizada a técnica estatística de análise multivariada de regressão logística.

As tabelas 5 e 6 apresentam o resumo com os coeficientes encontrados nos modelos utilizados, para testar a relação do grau de facilidade com as variáveis independentes. Em cada ano observou-se se ocorreu um aumento nas variáveis de controle (preço da ação, lucro líquido, receita, ativo), sendo que esta variação foi expressa nos modelos através de variáveis binárias (dummies).

Tabela 5 – Resumo dos Modelos de Regressão Logística para os Relatórios de Administração

	2004	2005	2006	2007	2003-2007
Constante	0	-0,63	0	0	-0,356
Dummy Variação no Preço da Ação	0	0	0	0	0
Dummy Variação no Lucro	0	0,996	0	-1,225	0
Dummy Variação na Receita	0	0	0	0	0
Dummy Variação no Ativo	0	0	0	0	-0,694

Fonte: Elaboração própria

Tabela 6 – Resumo dos Modelos de Regressão Logística para as Notas Explicativas

	2004	2005	2006	2007	2003-2007
Constante	-0,993	0	-0,661	0	-0,579
Dummy Variação no Preço da Ação	0	0	0	1,613	0
Dummy Variação no Lucro	1,064	0	0	-2,307	0
Dummy Variação na Receita	0	0	0	0	0
Dummy Variação no Ativo	0	0	0	-1,819	0

Fonte: Elaboração própria

Conforme apresentado, observa-se que houve resultados significativos em todos os períodos estudados para, pelo menos, um relatório contábil. A variável que mais apresentou

relação com os relatórios foi a de variação no lucro, em dois períodos distintos para cada. As outras variáveis apresentaram relação apenas em um período e, para relatórios distintos.

Outro objetivo é a análise do comportamento do grau de facilidade de leitura em relação à persistência de variação das variáveis de mercado foi utilizada a técnica de análise discriminante.

A tabela 7 apresenta o resumo com os coeficientes encontrados nos modelos utilizados para testar a relação do grau de facilidade com a persistência de variação das variáveis independentes.

Tabela 7 – Resumo dos Modelos de Análise Discriminante para os Relatórios

	RA 2003-2007	NE 2003-2007
Constante	-3,671	-3,200
Dummy Persistência no Preço da Ação	0	0
Dummy Persistência no Lucro	0	0
Dummy Persistência na Receita	0	0
Dummy Persistência no Ativo	1,161	1,026

Fonte: Elaboração própria

Observa-se que houve resultados significativos nos períodos estudados para os dois relatórios contábeis. A variável que apresentou relação com os relatórios foi a de persistência no aumento do valor do ativo no período estudado.

Como foi verificado nas análises anteriores que um dos fatores determinantes para a mudança no grau de facilidade de leitura das demonstrações foi a variação no valor do ativo da empresa.

Decidiu-se realizar o procedimento de regressão logística com duas subamostras que representassem as ações de empresas com maior e menor porte, ou valor do ativo. Foram então classificadas as empresas em função do valor do seu ativo e separados 20% da amostra total com maior ativo e outros 20% da amostra com menor ativo (Tabela 8).

Foram analisados somente os Relatórios de Administração dos períodos que apresentaram maior significância na primeira análise. Verificou-se que há alteração no grau de acerto de classificação dos modelos de empresas com valor do ativo, conforme tabela.

Tabela 8 – Percentual de Acerto de Classificação dos Modelos de Regressão Logística dos Relatórios de Administração de Empresas Classificadas em Função do Valor do Ativo

Período	2005	2007	2003-2007
Maior Ativo	69,2%	81,0%	66,7%
Completa	65,9%	59,2%	60,9%
Menor Ativo	70,6%	63,6%	61,7%

Fonte: Elaboração própria

Outra alteração verificada foi a diferença entre os coeficientes da função logística. O modelo das empresas com menor ativo apresentou melhores coeficientes para as variáveis - variação no lucro (0,713) e variação na receita (-0,950) -, enquanto as empresas com maior ativo apresentaram melhores coeficiente para as variáveis - variação no ativo (-0,932) e variação no lucro (0,896).

7 CONCLUSÕES

O estudo das narrativas contábeis ainda não tem tomado muita atenção de pesquisadores da área contábil no Brasil. As informações evidenciadas na porção narrativa das demonstrações financeiras das empresas têm sido cada vez mais utilizadas por usuários

para a análise e tomada de decisão. Logo, sua compreensão tem se tornado ponto fundamental para o correto uso da informação.

Devido à falta de auditoria ou maior atenção dos usuários das demonstrações, as narrativas contábeis podem se tornar alvo de gerenciamento de impressões por parte dos gerentes e outros elaboradores. Esses atores podem tentar, de forma deliberada ou não, controlar a imagem captada pelos usuários de seus atos e perspectivas na administração da empresa.

A complexidade das narrativas depende da sua forma de apresentação; logo, os elaboradores devem se esforçar para exibir ao usuário uma narrativa clara e ordenada e que tenha intenção de demonstrar a base de informações explicativas a ele.

Pesquisas anteriores demonstram que a estrutura sintática do texto pode ser decisiva para o seu entendimento. Uma das formas de investigação dessa estrutura é através da análise de facilidade de leitura. Esses estudos já são realizados nos EUA desde a década de 1920. Em Ciências Contábeis, esses estudos têm tomado relevância a partir da década de 1980, e atualmente são realizados em narrativas contábeis de relatórios e demonstrações de diversos países.

Este trabalho propôs verificar a evidência de gerenciamento de impressões nas narrativas contábeis de empresas brasileiras mediante a análise da facilidade de leitura, ou seja, se as empresas utilizam textos mais ou menos complexos para dissimularem informações sobre seu desempenho.

As empresas analisadas são listadas na BOVESPA e têm bom índice de negociabilidade. Foram utilizados relatórios anuais entre os anos de 2003 e 2007.

Para o estudo foram utilizadas técnicas estatísticas de regressão logística e análise discriminante para a determinação de influência de variáveis de desempenho na facilidade de leitura das demonstrações. As variáveis de desempenho utilizadas foram a variação no preço das ações, no valor do lucro, no valor do ativo e no valor da receita.

Em consonância com resultado de pesquisas anteriores, concluiu-se que o escore médio de facilidade de leitura pode ser classificado como difícil para os relatórios de administração e notas explicativas. Conforme esperado, as notas explicativas apresentam escores mais baixos que os relatórios de administração, devido à sua característica mais técnica e explicativa. Nota-se um pequeno decréscimo, entre os anos estudados, nas médias de escore de facilidade de leitura dos dois relatórios e um aumento na quantidade média de palavras.

Os resultados encontrados sugerem que há fracas evidências, em alguns anos, da probabilidade – apesar de estatisticamente significativa – de influência na facilidade de leitura das narrativas estudadas, devido ao aumento ou à redução no lucro e no ativo das empresas.

A influência destas variações pode ser explicada pela preocupação dos administradores em ressaltar o lucro como efeito da boa administração exercida e o aumento do ativo como crescimento do porte da empresa e participação no mercado.

Um segundo resultado sugere também fracas evidências, ao longo de cinco anos, de que o aumento persistente do porte (variação no ativo) da empresa influencia a facilidade de leitura, tanto dos relatórios de administração quanto das notas explicativas.

Quando há aumento do porte, existe maior preocupação dos administradores em evidenciar a boa administração com relação ao aumento dos níveis de atividade e a maior visibilidade de mercado, por meio de maiores explicações sobre o desempenho.

O inverso também é verdadeiro; a redução persistente ou estagnação relativa do porte da empresa leva os elaboradores da narrativa a uma crescente dificuldade na leitura de seus relatórios, tentando não demonstrar sua participação nas causas daquele fato.

Em uma terceira análise, verificou-se que, quando as empresas são separadas em grupos de classificação de acordo com o tamanho de seus ativos, a chance de acerto dos modelos aumenta, podendo significar que há evidências de gerenciamento de impressões para empresas com níveis de valor de ativos diferentes; porém, a influência das variáveis de desempenho é diferente dentro dos grupos. Para empresas de maior porte, a influência na variação da facilidade de leitura foi das variáveis de lucro e ativos, enquanto, para as empresas de menor porte, as variáveis mais influentes foram de lucro e de receita.

Os resultados apresentados limitam-se às empresas escolhidas para este estudo, não podendo ser realizadas generalizações para toda a população. Não é intenção deste estudo a análise do conteúdo ou coerência, devido à limitação da metodologia de análise da facilidade de leitura utilizada.

Sugerem-se pesquisas futuras, utilizando-se de outras variáveis que possam explicar melhor a variação no nível de facilidade de leitura, bem como o teste de novas hipóteses em relação à ação dos administradores na forma de elaboração e apresentação das narrativas contábeis nas demonstrações das empresas.

REFERÊNCIAS

BARRON, Ori E.; KILE, Charles O.; O'KEEFE, Terrence B. MD&A quality as measured by SEC and analysts' earnings forecast. **Contemporary Accounting Research**. v. 16, n. 1, pg. 75-99, 1999.

BEATTIE, V.; JONES, M. J. Impression management: the case of inter-country financial graphics. **Journal of International Accounting, Auditing & Taxation**. v. 9, n. 2, p. 159-183, 2000.

CLATWORTHY, Mark; JONES, Michael J. Differential patterns of textual characteristics and company performance in chairman's statement. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**. v. 19, n. 4, 2006.

COURTIS, John. Readability of annual reports: western versus asian evidence. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**. v. 8, n. 2, p. 4-17, 1995.

DIAS FILHO, José Maria. A linguagem utilizada na evidenciação contábil: uma análise de sua compreensibilidade à luz da teoria da comunicação. **Caderno de Estudos FIPECAFI**, v.13, n. 24, p. 38-49, jul./dez. 2000.

DUBAY, W. H. The principles of readability. **Impact information**, Costa Mesa, 25 ago 2004. Disponível em:<www.impact-information.com/impactinfo/readability02.pdf>. Acesso em: 27 maio 2008.

FASB, Concepts Statement No. 5 - Recognition and Measurement in Financial Statements of Business Enterprises. Disponível em:<<http://www.fasb.org/st/index.shtml#cons>>. Acesso em: 12 jun. 2008.

FERNANDES, J. L. T.; SILVA, C. A. T. Análise da legibilidade dos textos narrativos dos fatos relevantes divulgados pelas empresas brasileiras de capital aberto nos anos de 2002 a 2006. **4º Congresso USP de Iniciação Científica em Contabilidade**. São Paulo, USP, 2007.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HOSSAIN, M. F.; SIDDIQUEE, M. M. Readability of management reviews in the annual reports of listed companies of Bangladesh. **Working paper**. Disponível em: <http://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1079695>. Acesso em: 11 jul. 2008.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. **Teoria da contabilidade**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

KLARE, G. R. The measurement of readability. **ACM Journal of Computer Documentation**. v. 24, n. 3, p. 107-121, ago. 2000. Reimpressão Cap. 1, The Iowa State University Press, 1963.

LI, Feng. Annual report readability, earnings and stock returns. **Working paper**, NBER, p. 1-46, 2006.

MENDONÇA, J. R. C.; VIEIRA, M. M. F.; ESPÍRITO SANTO, T. M. V. Gerenciamento de impressões, comunicações e ações simbólicas. **XXIII Encontro da ENANPAD**. Foz do Iguaçu, Paraná, 1999.

MENDONÇA, J. R. C.; ANDRADE, J. A. Gerenciamento de impressões: em busca da legitimidade organizacional. **RAE – Revista de Administração de Empresas**. v. 43, n. 1, jan./fev./mar. 2003.

PONTE, Vera M.R.; OLIVEIRA Marcelle C. A prática da evidenciação de informações avançadas e não obrigatórias nas demonstrações contábeis das empresas brasileiras. **Revista Contabilidade & Finanças**, n. 36, p. 7-20, set./dez. 2004.

ROGERS, Rodney K.; GRANT, Julia. Content Analysis of Information Cited in Reports of Sell-Side Financial Analysts. **Journal of Financial Statement Analysis**, v. 3, n. 1, p.17-30, Outono, 1997.

SCHROEDER, R. G.; CLARK, M. W.; CATHEY, J. M. **Financial Accounting Theory and Analysis**. 8. ed. [S.l.]: John Wiley & sons, 2005.

SMITH, M.; TAFFLER, R. Readability and understandability: different measures of the textual complexity of accounting narrative. **Accounting, Auditing e Accountability Journal**, v. 5, n. 4, p. 84-98, 1992.

STANTON, P.; STANTON, J.; PIRES, G. Impression of an annual report: an experimental study. **Corporate Communications: An International Journal**. v. 9, n. 1, p. 57-69, 2004.

SYDSERFF, R.; WEETMAN, P. Development in Content Analysis: a transitivity index and DICTION scores. **Accounting, Auditing e Accountability Journal**. v. 15, n. 4, p. 523-545, 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2005.